

ARQUEOLOGIA & História



Revista da Associação dos Arqueólogos Portugueses | Volume nº55 | 2003

Neolitização em Portugal

O público e o privado na
arqueologia portuguesa

Salvaguarda e valorização
de sítios arqueológicos



Titulo
Arqueologia e História

Volume
55

Edição
Associação dos Arqueólogos Portugueses
Largo do Carmo, 1200-092 Lisboa
Tel: 21 346 04 73 · Fax: 21 324 42 52
e-mail: associacao.arqueologos@clix.pt

Direcção
José Morais Arnaud

Coordenação
Paulo Almeida Fernandes

Projecto gráfico
oficina de design Nuno Vale Cardoso Et Nina Barreiros

Impressão
Publidisa

Tiragem
350 exemplares

© Associação dos Arqueólogos Portugueses
ISSN
972/9451-39-7

Solicita-se permuta
Exchange wanted

Ao artigos publicados nesta revista são da exclusiva
responsabilidade dos respectivos autores

O Instituto Arqueológico Alemão, sua actividade e relacionamento com o meio arqueológico português¹

Theodor Hauschild

Dentro da Temática "O Instituto Arqueológico Alemão, sua actividade e relacionamento com o meio arqueológico português", cabe a mim a parte da época visigoda, a temática relativa ao Prof. Helmut Schlunk e a parte romana.

A fundação da Delegação do Instituto Arqueológico Alemão em Lisboa, em 26 de Outubro de 1971, portanto há 32 anos, tinha uma sólida base na amizade do Prof. Helmut Schlunk com D. Fernando de Almeida e no desejo de uma presença contínua do Instituto em Portugal, principalmente da criação de uma biblioteca especializada.

Antecipadamente, havia muitos contactos e estudos, incluso escavações no campo da pré-história, sobre as que o Prof. Hermanfrid Schubart já referiu. No que respeita à época romana e paleocristã assim como visigoda, também houve uma actividade prolongada, em especial da parte do Prof. Schlunk, que desde o princípio da sua estada na Península Ibérica, nos finais dos anos 20 do século passado, procurou fazer uma investigação dos monumentos em Portugal. Intensificou-se esta actividade depois de ele ter assumido a direcção do Instituto Arqueológico Alemão em Madrid. E lembro-me que ele motivou, com o seu entusiasmo pelo país lusitano, todos os que chegaram como bolseiros e jovens investigadores do Instituto, a visitar Portugal e estudar os seus interessantes monumentos. Naturalmente, recordo algumas das viagens que efectuou comigo, para conhecer e estudar igrejas da época visigoda e moçárabe. Em Lourosa, chegámos mesmo a levantar, no ano de 1970, uma nova planta e alçados da igreja. E foi em contacto com D. Fernando d'Almeida e Borges Garcia que levantámos outra planta da igreja de São Gião de Nazaré. Era a base para uma discussão sobre a função e o relacionamento das cancelas altas no contexto litúrgico nas igrejas da época paleocristã e visigoda, asturianas e moçárabes, que tanto interessaram a Schlunk. – Começaram, no ano passado, novas intervenções em São Gião de Nazaré, pelos vistos com muito êxito.

Numa das viagens pelo Algarve, no ano de 1963, tive a oportunidade de ver as ruínas de Milreu com o seu santuário, um edifício que em seguida me interessou pela sua forma peculiar e pela história e continui-

dade na época paleocristã. Lembro-me daquele ano, quando passámos a noite no único hotel existente na Praia da Rocha. Que mudança desde então! Foi o amável contacto com o célebre algarvio, Mário Lyster Franco, que proporcionou a possibilidade de estudar a arquitectura do santuário de Milreu, que me serviu de base para uma tese. Só vários anos mais tarde, e quando a Delegação do Instituto Arqueológico Alemão começou a funcionar em Lisboa, tive a possibilidade de realizar sondagens no santuário e nas ruínas da *Villa* de Milreu. Sebastião Philippe Martins Estácio da Veiga tinha descoberto, no ano de 1877 o complexo antigo quase na totalidade, e sabemos que é sempre um pouco problemático reescavar num sítio desta índole. Assim, encontrámos nas sondagens da parte agrícola só estratos misturados e na *Villa* poucos lugares com achados antigos. Até hoje, por exemplo, não sei onde exactamente foram encontrados os famosos bustos do imperador Adriano e da imperatriz Agripina. – As pessoas que fizeram as fotografias, no momento da descoberta dos bustos debaixo das raízes de uma árvore, indicaram um lugar atrás da ábside do santuário, vagamente. Nas publicações do Prof. Fitchen sobre estes bustos fica bem demonstrada a relação com a tipologia elaborada na Itália.

As campanhas de escavação foram realizadas em cooperação com o IPPAR e com a ajuda de estudantes de Arquitectura da Universidade de Karlsruhe e da Universidade Técnica de Lisboa, ou seja, alunos do Prof. Pedro Fialho, que é o responsável pela restituição gráfica do santuário da água e das termas. O santuário está separado da *villa* por uma via em calçada, e logo em frente da entrada existe um tanque de água semi-circular, decorado com mosaicos que representam peixes. Um friso de peixes rodeia também todo o pódio do edifício que, elevado sobre um pódio, era cercado por colunas. No centro da *cella* encontrou-se no século XIX ainda uma fonte hexagonal de mármore que nos permite pensar num santuário de água. Para este edifício de uma forma singular, o arquitecto tinha, talvez, como modelo tipológico, os assim chamados templos com galeria envolvente espalhados na Gália, Germania e Britania. Existe uma certa semelhança com estes edi-

fícios, se compararmos, por exemplo, o templo de Júpiter em Altbachtal com o nosso santuário.

Nos últimos anos verificou-se por parte do IPPAR, com a grande ajuda do Dr. Rui Parreira, um excelente trabalho de recuperação nas Ruínas de Milreu. O Dr. Felix Teichner, da Universidade de Frankfurt, prossegue a investigação do monumento, especialmente a parte agrícola, até hoje pouco estudada.

Outro projecto da parte da delegação do Instituto Arqueológico Alemão centrou-se, a partir do ano de 1986, no templo Romano de Évora, que representa um dos mais bem conservados templos da *Hispania* e um dos raros exemplos dos templos de tipo períptero com pódio. O levantamento arquitectónico foi realizado também aqui com a ajuda de estudantes de arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, alunos do Prof. Pedro Fialho, e por vários jovens de Évora. Recebemos uma valiosa e importante ajuda da parte da Câmara Municipal de Évora, do Dr. Sarantoupolos, da Fundação Eugénio de Almeida e, principalmente da Delegação Regional do IPPAR, do Dr. Caetano Beirão, assim como do Dr. António Carlos Silva e Dr. Parreira. Grande parte dos resultados do estudo arquitectónico já está publicado. Pretendeu-se prioritariamente o esclarecimento da planta e dar resposta a perguntas relacionadas com o recinto do templo. Foi uma surpresa verificar no pódio a maneira como realizaram o projecto na prática, ou seja, finas linhas gravadas nos silhares de granito, no estilóbato, como indicação da posição exacta de cada coluna e da base de mármore. Outra forma técnica, e especial na arquitectura romana, é a forma de assentamento da arquitrave e do friso, ou seja, os dois assentam em pequenas superfícies em dente sobre os capitéis, de tal forma que quando há deslocações, a carga do friso é transferida para estes pontos e não para os espaços entre as colunas, o que significaria o perigo de desmoronamento. Entre os templos romanos só no *Forum Romanum*, no Templo de Castor, existe uma construção semelhante. É evidente que a execução artística dos capitéis em Évora pode-se comparar com práticas oriundas de Itália.

No que se refere às construções descobertas pela escavação, destacam-se um tanque de água que envolve o templo em três lados, comparável só ao tanque de

água junto do templo do *forum* em Luni, na Itália, que data do séc. I. D. C. Podemos verificar, com base em vários muros descobertos nas sondagens, um pórtico e um criptopórtico que emolduraram o recinto do templo. Outra surpresa foi a existência de uma praça de grandes dimensões, situada diante do templo, testemunhada por extensos vestígios de marcas de lajes de mármore. A praça chegará mesmo à zona do actual Museu e até à Sé, onde se localizaria, talvez, a basílica.

O Instituto participou também nos trabalhos de investigação no santuário rupestre de Panóias, perto de Vila Real, primeiro pelos estudos do Dr. Rolf Nierhaus que incluíram um levantamento topográfico e, depois, pela estada em Panóias do Prof. Geza Alföldy com a preparação da publicação do conjunto dos monumentos e da epigrafia. Trata-se de um conjunto excepcional de um culto de mistérios instalado por Calpurnius Rufinus, com inscrições em grego e latim e restos de edifícios e covas escavadas na rocha granítica.

E como estamos a contar as actividades arqueológicas do Instituto, vou mencionar o levantamento planimétrico do Santuário de Santana do Campo, efectuado e publicado pelo Dr. Thomas Schattner, director adjunto do Instituto Arqueológico Alemão de Madrid, que prossegue agora as suas actividades arqueológicas em Portugal em cooperação com os colegas da Universidade de Lisboa, com um projecto em São Miguel de Mota.

No final quero mencionar o empenhamento do Instituto na investigação do Teatro Romano de Lisboa. Experimentei aqui o meu primeiro trabalho no campo da arquitectura romana quando cheguei como director da Delegação do Instituto Arqueológico Alemão a esta cidade. Os importantes vestígios do teatro, que apareceram no momento da reconstrução da cidade depois do terrível terramoto de 1755, tinham uma história dramática, especialmente quando pensamos na sua redescoberta por D. Fernando de Almeida no ano de 1966 e pela escavação realizada pela Dra. Irisalva Moita. A amabilidade e compreensão da Dra. Irisalva Moita permitiu que uma equipa mista do nosso Instituto e do Museu da Cidade de Lisboa empreendessem um novo levantamento arquitectónico das ruínas visíveis do teatro. Foi o momento de poder distinguir as

duas fases da construção, a da época de Augusto e da época de Nero, ou seja, da decoração do proscénio em mármore com a inscrição dedicatória e com o relevo da musa Melpomene com a inscrição em grego. Nos trabalhos participou também a actual directora do Museu da cidade, Dra. Cristina Leite. Mais tarde, os Arqueólogos do Museu, ultimamente a Dra. Lídia Maria Marques Fernandes, efectuaram novas escavações com a descoberta do limite do edifício da cena e de casas do séc. XVIII, junto do antigo teatro, destruídas pelo terramoto e que ficaram em estado enegrecido até hoje. Encontro muito emocionante ver estas casas privadas e acho bem, preservá-las como memória da história das transformações do teatro romano. São lugares da história da cidade como também o é a Igreja do Carmo. E no que respeita a esta igreja-monumento, sede da Associação dos Arqueólogos Portugueses, recordo-me como vários dos professores que iam pronunciar conferências no âmbito das celebrações do dia de Winkelmann do nosso Instituto, ficavam impressionados com o monumento.

Estou muito agradecido à Direcção da Associação dos Arqueólogos Portugueses pela possibilidade de poder festejar tantas reuniões do Instituto, incluindo a minha despedida como director da Delegação do Instituto Arqueológico Alemão, na histórica sala da época gótica, e que serviu, ao mesmo tempo, para um amigável encontro entre colegas e amigos.

Felicito a Direcção da Associação dos Arqueólogos Portugueses pelo bom sucesso da recuperação do monumento e pelas novas instalações do museu, desejando um futuro muito próspero.

Notas

¹ Conferência pronunciada no dia 6 de Fevereiro de 2003, na sede da Associação dos Arqueólogos Portugueses.



Associação
dos Arqueólogos
Portugueses